

A Cidade do Rio e o Grupo dos 20 (G20)

Uma síntese do Seminário
Internacional “Thinking
G20: a Global Order for
Tomorrow”



Sumário

1. Introdução
2. Abertura do Seminário
3. Mundo em transformação: perspectivas e desafios globais
4. Perspectivas brasileiras sobre o G20
5. Observações finais
6. Conclusão

1. Introdução

O Brasil se prepara para um marco significativo na sua política externa: assumir a presidência do Grupo dos 20 (G20) em dezembro de 2023. O G20 é um fórum de cooperação econômica e política de alcance internacional, composto por 19 países (Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, República da Coreia, México, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul, Türkiye, Reino Unido e Estados Unidos), União Europeia e União Africana.

Os membros do G20 representam cerca de 85% do PIB global, mais de 75% do comércio global e cerca de dois terços da população mundial. Esses dados demonstram que esse grupo desempenha um papel de extrema importância na formação e fortalecimento da arquitetura financeira e sua governança global.

Ao assumir a presidência, o Brasil tornou-se o quarto grande país em desenvolvimento a liderar o G20, após Argentina, Indonésia e Índia. O Brasil se posiciona enquanto um relevante ator do Sul Global comprometido com questões multilaterais. Para além disso, essa posição trará uma série de oportunidades e desafios não só para o Brasil como um todo, mas também para os governos subnacionais e irão receber os diversos encontros multilaterais para o avanço das negociações do G20.

O G20 estrutura-se também com vários grupos de engajamento, voltado para agendas específicas. O Rio de Janeiro foi escolhido para sediar o encontro da cúpula dos chefes de Estado do G20, a reunião de cúpula do T20 (Think 20), e também o encontro da Juventude do G20, o Y20 (Youth 20). Levando em consideração a relevância do Rio em agendas globais, a realização destes eventos é um marco histórico para a Cidade, que já foi palco dos Jogos Olímpicos de 2016 e de Conferências do Clima, como Rio 92 e Rio+20.

A capital fluminense, neste sentido, iniciou a preparação

de eventos prévios à reunião do grupo em 2024. O Seminário Internacional “Thinking G20: a Global Order for Tomorrow”, realizado pelo Columbia Global Center Rio de Janeiro, através do Climate Hub Rio, em parceria com o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), e a Prefeitura do Rio, no dia 29 de agosto, no Palácio da Cidade, em Botafogo, é um exemplo disso.



Palácio da Cidade, Rio de Janeiro

O evento, que teve como objetivo discutir a importância da cúpula do G20 e o papel do Rio de Janeiro nas discussões globais, contou com a presença do Prefeito do Rio, Eduardo Paes; a participação do economista e professor da Universidade de Columbia, Jeffrey Sachs; Aloizio Mercadante, presidente do BNDES; o embaixador Mauricio Carvalho Lyrio, Secretário de Assuntos Econômicos e Financeiros do Ministério das Relações Exteriores; o embaixador André Corrêa do Lago, secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores; dentre outras personalidades importantes.

2. Abertura

A abertura do Seminário foi composta pela Prefeitura do Rio de Janeiro, o Comitê Organizador do Think 20 Brasil (T20 Brasil), formado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a Fundação Alexandre de Gusmão (Funag) e o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), além do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

Destaca-se que o Comitê do T20 Brasil foi definido pelo governo federal e ficará responsável por mobilizar centros de pesquisa e think tanks, contribuindo com a produção do pensamento estratégico que guiará o G20.

O Prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, evidenciou a importância do fórum em questão e o papel que o Rio de Janeiro quer assumir nas discussões globais. Paes reforçou o compromisso da cidade com o desenvolvimento sustentável e a necessidade de ação para enfrentar desafios globais – como o combate à fome, a transição energética e as reformas de instituições internacionais.



Prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes

“A retomada do protagonismo abre caminho para que o Rio, uma verdadeira cidade global, se faça ouvir nas discussões sobre a reforma do sistema financeiro internacional.”

Eduardo Paes

“A retomada do protagonismo abre caminho para que o Rio, uma verdadeira cidade global, se faça ouvir nas discussões sobre a reforma do sistema financeiro internacional. E mais do que isso, para que possa assumir a tarefa de liderar as transformações necessárias nas cidades. (...) Com o G20, temos a chance histórica de receber, ao longo de um ano, tomadores de decisão que afetam a economia de todo o mundo” – afirmou Eduardo Paes.

Além disso, o Prefeito ressaltou que o G20 é uma oportunidade de uma cidade do Sul Global mostrar sua primazia logística para o mundo, e para que o Brasil possa realizar mais eventos internacionais. Segundo ele, “Para nós o G20 é mais uma oportunidade para demonstrarmos a nossa excelência logística possível, graças ao legado da cidade do Rio de Janeiro para a atração de grandes eventos”.

A Prefeitura do Rio criou o Comitê Rio G20, para coordenar os esforços de atração e apoio aos grupos de engajamento, uma vez que o G20 é o fórum mais relevante de coordenação econômica entre países de desenvolvimento e em desenvolvimento.

Por fim, o Prefeito Eduardo Paes se mostrou otimista em relação às discussões sobre o G20 e afirmou que o seminário é um dos primeiros eventos preparatórios que vão guiar o posicionamento estratégico do

Brasil na sua futura presidência do Fórum. “Temos a responsabilidade de dar continuidade ao ciclo de presidências do G20, por economias emergentes – como Indonésia, Índia e depois de nós, África do Sul. Queremos fazer história, à nossa maneira, com muita alegria e responsabilidade”, finalizou ele.

José Pio Borges, Presidente do Conselho Curador do CEBRI, iniciou sua fala anunciando o Rio como cidade eleita para receber a cúpula do T20. “Hoje anuncio que o Comitê Organizador do T20 elegeu a cidade do Rio para a realização da cúpula. Ela será um marco importantíssimo do processo político do G20, pois é nela que se entrega as recomendações para a presidência do G20. A realização da cúpula do T20, presidida pelo Brasil, é um grande desafio e contamos com a participação e apoio de todos – disse José Pio Borges”

Borges enfatizou que esses dados mostram que é necessário criar um diálogo com a sociedade civil e o setor privado para tratar de questões importantes, como a mudança climática. A falta de progresso nos acordos internacionais sobre o clima abre espaço para que o G20 seja um fórum capaz de avançar nas negociações e facilitar ações futuras. Ele destacou a desconexão entre os compromissos de emissões líquidas zero até 2050 e as práticas reais de muitas empresas, referindo-se a isso como “Greenwashing”.

Os múltiplos desafios enfrentados pelo sistema internacional desde a desigualdade social e acesso limitado à saúde, até os efeitos da pandemia e a urgência de lidar com as mudanças climáticas foi

“É necessário que a estrutura do G20 reconheça a presença dos entes subnacionais no debate, para que as cidades também possam tomar para si suas responsabilidades”.

Márcia Loureiro

destacado por Márcia Loureiro, Diretora da Fundação Alexandre Gusmão (FUNAG). A representante da FUNAG também enfatizou a importância do multilateralismo e o papel do G20 na coordenação dos esforços econômicos, na promoção da estabilidade financeira e na criação de novas fontes de financiamento que promovam o desenvolvimento sustentável.

Ela observa que o Think 20 (T20), dentro da estrutura do G20, tem um papel crucial a desempenhar, na medida em que o T20 fornece uma perspectiva crítica e abrangente para o G20, contribuindo para a elaboração de uma agenda transdisciplinar e transregional, que mobilize as redes de think tanks ao redor do mundo.

Além disso, o comitê entende que o T20 é uma plataforma adequada para que novas ideias baseadas em evidências científicas, possam se transformar em propostas e recomendações concretas para os líderes.

Márcia Loureiro chamou atenção para a relevância de abordar questões relacionadas às cidades dentro da estrutura do G20, reconhecendo a importância das entidades subnacionais nas discussões e ações globais.

Segundo ela, “É necessário que a estrutura do G20 reconheça a presença dos entes subnacionais no debate, para que as cidades também possam tomar para si suas responsabilidades”.

A Diretora da FUNAG termina sua fala salientando a necessidade de evitar que essas diferenças e disputas paralise o trabalho do G20 e o transformem em um fórum que prioriza a segurança em detrimento de questões econômicas e de desenvolvimento. Para ela, é importante que esforços diplomáticos sejam consistentes e diligentes, a fim de manter uma coordenação eficaz em escala global.

“Nós estamos diante de agendas globais que são críticas, e são críticas para a humanidade. O acesso à saúde, a emergência climática, segurança alimentar e hídrica. E essas questões não

podem ser reféns das diferenças e disputas que bloqueiam a ação efetiva”, finalizou Márcia Loureiro.

A Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Luciana Servo, trouxe para o diálogo uma perspectiva sobre a participação do Sul Global no G20. Para ela, o Brasil deve dar continuidade ao legado da Índia para garantir a inclusão de diversas vozes na formulação de recomendações de políticas. “Essa também é uma janela de oportunidades para trazer outros think tanks que hoje talvez não participem tão ativamente da agenda do G20, principalmente da América Latina e de países africanos”, afirmou Luciana.

Luciana salientou a necessidade de abordar questões de longa data, como a aceleração dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, as mudanças climáticas, a transição energética e o financiamento multilateral. A Presidente do IPEA enxerga o mandato do Brasil como uma oportunidade de contribuir para essas discussões e deixar um legado duradouro.

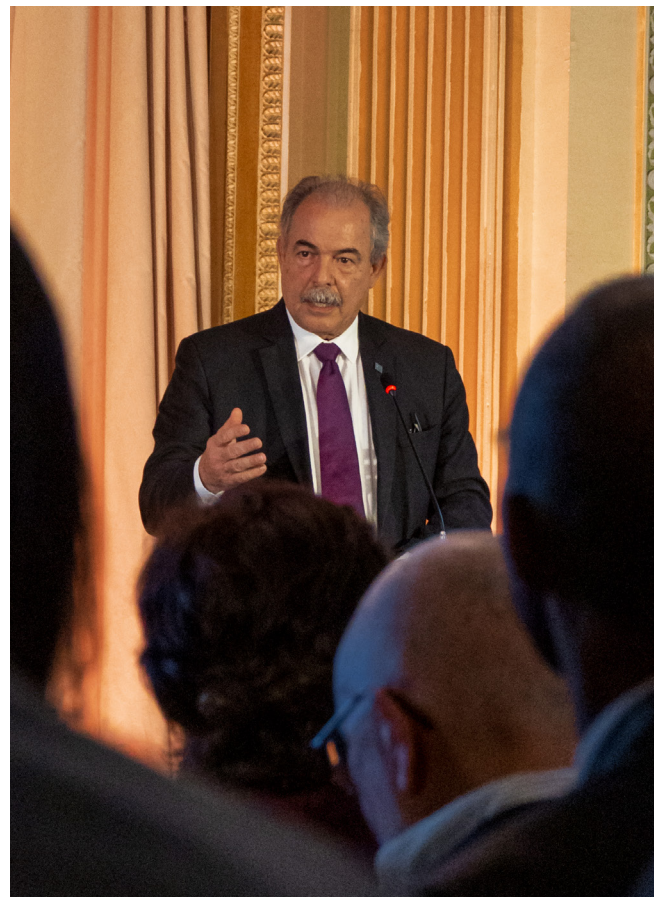
“A agenda de desenvolvimento é fundamental para o Brasil. Nosso país, com toda a força que tem sido colocada na agenda internacional, também pode se colocar no debate e pode, ainda que não influencie diretamente a agenda, mas que coloque em debate questões relevantes dentro da agenda do G20, deixando um legado da presidência brasileira para o futuro” – finalizou Luciana Servo.

Já o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Aloizio Mercadante, frisou a necessidade dos países enfrentarem a crise climática, destacando os eventos climáticos extremos devastadores que já estão ocorrendo em todo o mundo. “Para mim, o tema mais importante desse G20 não é a crise climática, mas sim a crise da efervescência climática, como disse o secretário geral da ONU”, comentou Aloizio.

O Presidente do BNDES enfatizou a grande responsabilidade do Brasil enquanto um país que possui 25% das florestas tropicais do mundo e 35%

das terras disponíveis para reflorestamento. Segundo ele, o Brasil deve se esforçar para ser o primeiro país do G20 a atingir zero emissões antes de 2030. Além disso, defendeu que cada país deve analisar como pode contribuir positivamente para o enfrentamento da crise climática.

Aloizio também destacou os desafios econômicos impostos pelas plataformas digitais e a necessidade de uma regulamentação global para proteger a privacidade dos dados, combater as fake news e garantir um equilíbrio democrático. “O G20 deveria fazer uma crítica ambiciosa em relação a esse tema, uma vez que é parte fundamental da modernidade, mas precisa de uma regulamentação, principalmente com os novos modelos de inteligência artificial que estão surgindo”, concluiu ele.



Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Aloizio Mercadante

3. Mundo em transformação: perspectivas e desafios globais

Este painel contou com a participação de Marcos Caramuru, Membro do Conselho Consultivo Internacional do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), um dos mais renomados economistas do mundo, Jeffrey Sachs, da Universidade de Columbia, bem como representantes do Think 20 da Índia como Nilanjan Ghosh, da Observer Research Foundation e Manjeet Kripalani, da Gateway House. Elizabeth Sidiropoulos, South African Institute of International Affairs, também participou do painel, uma vez que a África do Sul assumirá a presidência do Grupo dos 20 em 2025.

Ao iniciar sua fala, Marcos Caramuru discutiu sobre alguns pontos importantes que foram discutidos dentro do T20 na Índia. As prioridades estabelecidas pela atual presidência do G20, incluem pautas voltadas ao desenvolvimento, financiamento climático, dados científicos, transformação digital e reforma de instituições internacionais.

Para especificar a agenda que estava sendo construída na Índia, Marcos esmiuçou 5 pontos que estão norteando o grupo das Think Tanks na Índia: a atenção que deve ser dada à macroeconomia e às demandas sobre políticas fiscais; a necessidade de uma coordenação no comércio; a importância de acelerar os esforços em direção às metas de desenvolvimento; a necessidade de um sistema de proteção social abrangente e adequado; e a melhoria do financiamento, especialmente na construção de uma economia de baixo carbono.

“Os recursos públicos devem ser mobilizados para isso, e a quantia necessária é extraordinária, mas esse recurso deve vir do setor privado. Portanto, o setor público deve se esforçar – criando métodos de garantia ou outros mecanismos para aumentar a participação do setor privado no financiamento da agenda de

desenvolvimento, bem como na construção da economia de baixo carbono”, afirmou Marcos.



Professor da Columbia School of International Studies e Diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Columbia, Jeffrey Sachs.

Um dos principais convidados deste Seminário Internacional, foi o economista e prestigiado professor Jeffrey Sachs. Vale ressaltar, que além de ser o Diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Columbia, Sachs é um líder global na agenda ambiental, tendo participado ativamente na construção dos 17 objetivos e das 169 metas aprovadas pela ONU, em Nova Iorque, que culminou na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

O professor Jeffrey Sachs é copresidente, juntamente com o prefeito Eduardo Paes e a prefeita de Paris Anne Hidalgo, da Comissão Global para Finanças Urbanas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Esse comitê tem por objetivo fortalecer o financiamento internacional nas cidades e, globalmente, para alcançar os ODS definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Em sua fala, Jeffrey trouxe a relevância da Cidade do Rio de Janeiro na construção da agenda global de meio ambiente. O professor mencionou a Eco-92, primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, e como ela continua sendo

crucial para combater a pobreza e as questões ambientais. Apesar de reconhecer que as metas estabelecidas durante essa cúpula tenham fracassado, o economista entende a importância de envolver a comunidade internacional para a promoção de mudanças globais.

Como um dos idealizadores das metas de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), Sachs alertou para a importância da adoção de metas de desenvolvimento sustentável e o insucesso de nossos sistemas e governança atuais para alcançá-las. Para ele, “Os ODS não estão funcionando. Não há nada de errado com nenhum desses objetivos. Eles são os objetivos certos, o que está falhando são nossos sistemas de política e governança internacional”.

Para embasar seu argumento, o professor citou o fato de uma das principais lideranças do mundo, os Estados Unidos da América, não reconhecerem o conceito de metas de desenvolvimento sustentável. Sachs identificou três problemas de governança que agravam esse quadro: a complexidade das questões, a falta de tempo e capacidade de reflexão dos governos e a necessidade de a academia desempenhar um papel importante na busca de soluções.

Ao adentrar na pauta do G20, Jeffrey afirmou que este fórum serve como uma plataforma para discutir questões financeiras e macroeconômicas, sendo tido como “o único local onde podemos discutir seriamente questões financeiras.” Para ele, o gap existente nas instituições financeiras mundiais, está atrelado a falta da expansão maciça de instituições globais de financiamento. Por isso, Sachs defende a necessidade de um maior envolvimento de bancos de desenvolvimento, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o Banco Africano de Desenvolvimento, o Banco Islâmico de Desenvolvimento e o Banco Asiático de Desenvolvimento.

Além disso, Sachs enfatizou que os países devem se concentrar no desenvolvimento de ODS, no Acordo de

Paris e na Convenção sobre Diversidade Biológica, pois essas agendas exigem investimentos significativos em áreas como educação, saúde e energia sustentável. O professor finalizou levantando a reflexão de que os países devem ser livres para contribuir ou não no agrupamento de recursos. Somente assim, o desenvolvimento global irá progredir.

Após a fala de Jeffrey Sachs, Marcos Caramuru chamou dois representantes do T20 da Índia, atual presidente do fórum em questão. Nilanjan Ghosh, é o porta-voz de uma das principais think tanks da Índia, a Observer Research Foundation – que também é uma das organizações que compõem o comitê do T20.

Nilanjan Ghosh destacou duas credenciais que estão guiando a agenda da Índia no G20. Em primeiro lugar, a presidência indiana está comprometida com o desenvolvimento sustentável, a inclusão de gênero e na criação de cadeias de valor. Ghosh sustenta que a Índia pretende mobilizar financiamento por meio de um modelo que prioriza as metas de desenvolvimento em relação às condições econômicas dos países.

Desse modo, essa presidência também representa uma oportunidade de cooperação e tomada de decisões sobre questões importantes de desenvolvimento. O diretor da Observer Research Foundation mencionou o exemplo interessante do esquema móvel “Jar” na Índia, que promove a inclusão financeira das mulheres.

Olhando para o futuro, enquanto o Brasil se prepara para assumir a presidência do G20 em 2024, ele acredita que o país pode considerar seguir a abordagem da Índia em relação à construção de consenso e ao desenvolvimento sustentável em 2024. Nilanjan Ghosh concluiu sua participação alegando que o G-20 oferece uma plataforma importante para os países do sul global colocarem suas demandas em termos de financiamento climático, e que acredita que tanto a presidência da Índia quanto a do Brasil e mais tarde a da África do Sul, são de extrema importância para o avanço dessa agenda nos próximos anos.

Manjeet Kripalani, Diretora Executiva da Gateway House – relevante think tank de política externa em Mumbai, iniciou sua abordagem parabenizando a iniciativa do Brasil de começar a discutir sobre o G20 tão cedo, já que o mesmo só assume a presidência no dia 1º de dezembro deste ano. A diretora destacou que certamente esse é o melhor caminho para que o Brasil tenha uma presidência assertiva e eficaz.

Segundo ela, o G20 é, sem dúvida, o grupo mais importante das principais economias do mundo e um dos únicos fóruns que pode causar um impacto significativo nos assuntos mundiais. Para ela, “Isso é particularmente verdadeiro, já que o papel das Nações Unidas é visto em declínio. Agora que a agenda da ONU, especialmente quando tratamos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, foi transferida para o G20, o grupo tornou-se ainda mais relevante.”

Manjeet chamou atenção para a discussão sobre a reforma dos Bancos Multilaterais de Desenvolvimento, bem como sobre seu fortalecimento. Segundo ela, a Índia iniciou o Relatório do Grupo de Especialistas Independentes do G20 sobre o Fortalecimento desses organismos. Na sua opinião, alguns desses esforços podem não ser tão necessários durante as próximas duas presidências, pois já estão surgindo modelos

“os esforços promovidos pelos países em desenvolvimento já estão criando novos formatos e opções, como é o caso da expansão do BRICS. Essas transformações estão coincidindo com a presidência indiana do G20, e a Índia está se posicionando muito bem em ambos os caminhos globais.”

Manjeet Kripalani

alternativos para financiar o desenvolvimento, como por exemplo o Novo Banco de Desenvolvimento.

Em suas palavras, “os esforços promovidos pelos países em desenvolvimento já estão criando novos formatos e opções, como é o caso da expansão do BRICS. Essas transformações estão coincidindo com a presidência indiana do G20, e a Índia está se posicionando muito bem em ambos os caminhos globais.”

Em relação ao Brasil, Kripalani entende que “a Presidência do Brasil levará o bastão adiante de forma admirável”. Segundo ela, o Brasil já está liderando o caminho das energias renováveis e é o maior produtor e mercado de energia da América Latina, o que coloca o país em uma ótima posição para promover novas tecnologias renováveis promissoras por meio de novos modelos de negócios, financiamento climático e inovação empresarial. “Com certeza, isso dará o exemplo certo para outros países do G20”, finalizou Manjeet Kripalani.

Para finalizar o debate deste painel, Elizabeth Sidiropoulos, Chefe Executiva do South African Institute of International Affairs, trouxe uma perspectiva acerca do papel do G20 na governança global. Ela destacou a importância de incluir os países em desenvolvimento nas discussões do G20, uma vez que esses podem trazer perspectivas e prioridades exclusivas para a mesa.

Elizabeth comentou sobre a recente cúpula do BRICS e como esta se alinha à discussão sobre a nova ordem mundial. A cúpula concentrou-se em várias áreas do ambiente multilateral que exigiam reformas de organizações, incluindo a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Segundo ela, a cúpula enfatizou a narrativa da reforma mobilizando muitos países do Sul Global.

Ao trazer para o debate a questão do G20, Elizabeth observou que essa é uma plataforma importante para a África do Sul enfrentar os desafios globais e ampliar sua relação com o Norte e Sul Global. “A África do Sul tem

plena certeza de que o G20 é uma plataforma muito importante. É uma plataforma que reúne o Norte e o Sul e pode romper impasses, além de avançar em soluções para alguns desafios globais que enfrentamos”, afirmou ela.

A Chefe Executiva do South African Institute of International Affairs enfatizou que a África do Sul enxerga o G20 como o principal fórum de finanças e governança econômica global, onde deve ocorrer a construção de consenso. Ela argumenta que, se o G20 se tornar apenas uma plataforma geopolítica, isso impedirá debates significativos e a formação de consenso sobre desafios globais críticos.

Elizabeth também destaca a importância de abordar os fluxos financeiros ilícitos e a desigualdade social, que são preocupações fundamentais para a África do Sul e para o continente africano como um todo. Ela expressa uma esperança em contar com a colaboração e o apoio contínuos do Brasil e da Índia na abordagem dessas questões no âmbito do G20.

Ao final de sua fala, Elizabeth Sidiropoulos destacou a importância de a União Africana se tornar um membro permanente do G20, pois as decisões tomadas pelo G20, especialmente na arquitetura financeira global, têm impactos significativos sobre os países africanos. Para ela, trazer a União Africana para a mesa redonda formal resolveria a lacuna de representação e legitimidade e criaria oportunidades para os think tanks africanos participarem de conversas significativas.

“A África do Sul tem plena certeza de que o G20 é uma plataforma muito importante. É uma plataforma que reúne o Norte e o Sul e pode romper impasses, além de avançar em soluções para alguns desafios globais que enfrentamos”

Elizabeth Sidiropoulos

4. Perspectivas brasileiras sobre o G20

O último painel contou com a participação de personalidades do governo federal brasileiro e teve como objetivo dar uma visão acerca das prioridades do Brasil para a presidência do G20. o Secretário de Assuntos Econômicos e Financeiros do Ministério das Relações Exteriores, Maurício Lyrio; a Secretária de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Tatiana Rosito, o Secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores, André Corrêa do Lago e o Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), André Mello e Souza, compuseram esta mesa, ao lado Diretora Executiva do Instituto Clima e Sociedade (iCS), de Maria Netto, moderadora do painel.

Maria Netto iniciou o debate destacando a importância de promover conversas harmoniosas em um mundo multipolar. Além disso, abordou a necessidade de ambição para lidar com as mudanças climáticas e a sustentabilidade, incluindo a transição para uma economia verde.

O Secretário de Assuntos Econômicos e Financeiros do Ministério das Relações Exteriores, Maurício Lyrio, assim como os palestrantes anteriores, reconheceu a atual crise das instituições internacionais e a necessidade do multilateralismo. “É nesse contexto de dificuldades de articulação internacional que o G20 passou a ter maior importância. À medida que testemunhamos uma falta de efetividade de outros organismos internacionais, inclusive de alguns que são mais abrangentes em termos de representação”, afirmou o Maurício.

O representante do governo federal enfatizou a importância da presidência do Brasil acontecer em um contexto no qual há uma sequência de presidências exercidas por países em desenvolvimento, o que é muito representativo para países do Sul Global. Em seguida,

“É nesse contexto de dificuldades de articulação internacional que o G20 passou a ter maior importância. À medida que testemunhamos uma falta de efetividade de outros organismos internacionais, inclusive de alguns que são mais abrangentes em termos de representação”

Maurício Lyrio

Maurício listou algumas temáticas que vão guiar as prioridades do Brasil dentro da agenda do G20: o combate à desigualdade, à pobreza e à fome, bem como o foco no desenvolvimento sustentável e no enfrentamento das mudanças climáticas.

Ao adentrar mais nessas prioridades, Lyrio evidenciou três fatores essenciais que devem ser levados em consideração durante a presidência. Em primeiro lugar, ele destacou a posição única do Brasil como um país que conta com uma cobertura vegetal original significativa, o que o torna peça fundamental para lidar com as mudanças climáticas. Em segundo lugar, o entendimento mais amplo e inclusivo do desenvolvimento sustentável deve englobar aspectos sociais, econômicos e ambientais. Em terceiro lugar, Lyrio cita a reforma da governança global para fortalecer o multilateralismo e garantir a implementação efetiva dos compromissos internacionais.

“Além dessas prioridades, a presidência brasileira também buscará se envolver mais profundamente com vários grupos de engajamento dentro do G20, como o T20, por exemplo, para incorporar suas contribuições”, finalizou Maurício Lyrio.

Tatiana Rosito, Secretária de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, trouxe para o debate uma visão

mais voltada para a Trilha de Finanças – que é uma das trilhas norteadoras do G20, que o governo federal irá liderar. A Secretária discorre sobre o que consiste essa trilha, que é dividida em quatro grupos de trabalho principais e cinco iniciativas. Esses grupos discutem tópicos como políticas macroeconômicas, arquitetura financeira internacional, sustentabilidade financeira e infraestrutura. Assim, as propostas desses grupos são apresentadas aos ministros durante as reuniões do G20.

Para a presidência do Brasil, o governo quer buscar um maior envolvimento de organizações internacionais como o FMI, o Banco Mundial, a OCDE e a UNCTAD nesses grupos. Além disso, Tatiana reconhece os desafios e as negociações envolvidos na trilha financeira, mas enfatiza seu potencial como plataforma para a construção de consenso.

“O track financeiro, apesar de nós gastarmos ou investirmos muito tempo em negociações dos comunicados, ele não é necessariamente um grupo negociador por excelência (...) Mas ele pode ser de fato uma grande caixa de consonância e um impulsionador de consenso”, disse ela.

Tatiana também discutiu sobre a relevância de abordar questões como dívida externa, impostos progressivos e o papel do setor público no financiamento da transformação para uma nova ordem global. Segundo a Secretária, a necessidade de fundos públicos e o compartilhamento de riscos é necessário para atrair capital privado em vários setores e tecnologias.

Para ela, o Brasil deve focar na reforma da governança e democratização dos sistemas financeiros internacionais, com foco especial no sistema de cotas do FMI. Tatiana alegou que, embora o progresso tenha sido lento, o Brasil está trabalhando ativamente para a construção de consenso, propondo reformas alinhadas com as prioridades do país, como a desigualdade e a arquitetura financeira internacional. Tatiana Rosito concluiu sua fala destacando a ligação entre a agenda global e a doméstica do Brasil,

comentando sobre o lançamento de um plano de transformação ecológica e medidas de finanças sustentáveis que está sendo feito pelo governo federal brasileiro. Ela enfatizou a importância de trazer o conceito de bioeconomia para o debate global e posicionar o Brasil como líder no aproveitamento de seu potencial para o desenvolvimento sustentável.

O Embaixador André Corrêa do Lago, ao discorrer sobre as perspectivas brasileiras sobre o G20, citou a ligação entre o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) e o Ministério da Economia, bem como a importância que a agenda internacional traz para o país, incluindo a COP 30.

Para ele, a participação do Brasil no G20 e sua colaboração com países como a Índia e os Estados Unidos são importantes para abordar o tema dos biocombustíveis. A Aliança Global de Biocombustíveis, lançada pela Índia, Brasil e Estados Unidos, é uma iniciativa essencial no contexto da aviação e do transporte marítimo sustentável. Segundo André, com a experiência do Brasil em negociações multilaterais, o país tem uma oportunidade única de tratar de questões energéticas e ambientais durante sua presidência no G20.



Embaixador André Aranha Corrêa do Lago

“A área de energia e de mudança do clima se tornaram centrais na agenda do G20 e eu acredito que é por esses motivos que a presidência do Brasil será especial. O Brasil tem condições muito particulares para tratar desses temas”, afirmou ele.

Para André Corrêa do Lago, o Grupo dos 20 está reunindo diferentes perspectivas, principalmente em relação a países do Sul Global. A Índia assumiu seu papel enquanto líder global durante sua presidência neste ano, e o Brasil, com sua sensibilidade às circunstâncias globais, pode trazer legitimidade e representação ao G20.

Ao trazer um destaque para a pauta das mudanças climáticas, Corrêa do Lago, comentou sobre o anúncio do presidente Lula em relação a pretensão de trazer a Conferência das Partes (COP) 30 ao Brasil, onde os países vão apresentar seus novos compromissos para combater as mudanças climáticas. Segundo ele, as COPs estão muito divididas entre a dicotomia Norte x Sul - e que, nesse sentido, o Brasil pode ser uma ponte entre o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento para enfrentar esse desafio global e como as mudanças climáticas afetarão as populações mais vulneráveis.

Além disso, o Secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores entende que o G20 pode fornecer uma plataforma para discutir e tomar decisões sobre questões de mudanças climáticas antes da conferência COP 30, e destacou a importância de apresentar uma maior ambição climática em Belém. Corrêa do Lago enfatizou também uma abordagem proativa do Brasil no enfrentamento de seus próprios desafios, especialmente o desmatamento, e a disposição do país em discutir abertamente e buscar soluções com outras nações.

Por fim, André Corrêa do Lago menciona a ideia de criar uma força-tarefa sobre bioeconomia e de trabalhar o tema sob a perspectiva de um país em desenvolvimento. Para ele, a agenda do combate às mudanças climáticas e do desenvolvimento sustentável é adequada para o Brasil. “O G20 será uma oportunidade extraordinária para o país desenvolver uma agenda forte no combate às mudanças climáticas”, finalizou ele.

André Mello e Souza, Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), diferentemente dos outros palestrantes que trouxeram uma perspectiva mais voltada para as demandas do governo federal, apresentou sua visão enquanto servidor e acadêmico. André entende o processo do Brasil assumir a presidência do T20 e G20 como “uma grande janela de oportunidade, uma oportunidade para restabelecer pontes”.

Em consonância com o que foi dito ao longo do debate, ele acredita que o Brasil tem a capacidade e ambição de exercer liderança, principalmente na área ambiental, uma vez que o país tem ativos e recursos que lhe conferem esse papel. O pesquisador também discute as áreas potenciais em que o Brasil pode exercer liderança, além do setor ambiental. Para ele, o Brasil também pode desempenhar um papel significativo no campo da saúde, dado seu histórico de envolvimento em discussões sobre saúde global e sua resposta inovadora a pandemias como o HIV/AIDS.

Além disso, o representante do IPEA chama atenção para a necessidade de reforma nas instituições internacionais, pois elas se tornaram menos funcionais e inclusivas devido às mudanças na dinâmica do poder global. André destacou os desafios da conformidade e levantou questões sobre como os países aderiram às normas acordadas nessa fase de transição, o que inevitavelmente traz preocupações geopolíticas e de segurança que o G20 deve estar atento.

Seguindo essa lógica, André salientou como as disputas geopolíticas e a concorrência global podem contaminar outras agendas, incluindo questões econômicas, de direitos humanos, de gênero e ambientais. Para ele, existe uma necessidade de evitar essa contaminação para que a capacidade de construir uma agenda de desenvolvimento robusta não seja prejudicada. Para embasar seu argumento, André citou o desafio em levantar recursos financeiros para o desenvolvimento em meio a conflitos como o da Ucrânia.

Ao final de sua fala, André Mello e Souza mencionou a relevância do princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas, no enfrentamento dos desafios globais enfatizando a importância do reconhecimento das capacidades variadas em diferentes países.

O pesquisador também trouxe para o debate alguns pontos que foram levantados pelo professor Jeffrey Sachs em relação ao peso da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e como os países devem se engajar para alcançar as metas propostas por essa agenda.

“Tendo em vista que os países possuem uma agenda de desenvolvimento bem ampla, seria importante ter uma prioridade mais clara. É claro que a prioridade tem que ser a agenda climática. E uma outra prioridade tem que ser a desigualdade”, finalizou ele.

Tendo em vista que os países possuem uma agenda de desenvolvimento bem ampla, seria importante ter uma prioridade mais clara. É claro que a prioridade tem que ser a agenda climática. E uma outra prioridade tem que ser a desigualdade”

André Mello e Souza

5. Observações Finais

O ilustre professor Jeffrey Sachs foi chamado para encerrar o Seminário Internacional “Thinking G20: a Global Order for Tomorrow” e encerrar o evento. Em sua análise final, o economista reforçou a importância de preencher a lacuna entre o multilateralismo e a abordagem de questões como as mudanças climáticas e a desigualdade social no Grupo dos 20.



Professor da Columbia School of International Studies e Diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Columbia, Jeffrey Sachs

O professor também reconheceu a necessidade de um foco maior em finanças sustentáveis e a urgência de cumprir as discussões anteriores no G20. Segundo ele, a discussão sobre financiamento climático no G20 tem sido feita há muitos anos e não vem sendo cumprida. É papel dos países pressionarem para que essa agenda seja cumprida. “Se quisermos obter resultados práticos no G20, a área mais promissora é a financeira”, afirmou ele.

Em seguida, Jeffrey Sachs pontuou os principais problemas financeiros que exigem soluções e devem ser temáticas prioritárias para os países do G20, são eles:

- 1) Os sistemas dos bancos multilaterais de desenvolvimento precisam ser expandidos, apesar da oposição do Congresso dos EUA;
- 2) Os mercados de capitais continuam a enfrentar desafios para atingir seu potencial de desenvolvimento incluindo a concentração do mercado e oportunidades limitadas;
- 3) É necessário encontrar soluções práticas para a questão da dívida externa dos países, principalmente em relação aos países subdesenvolvidos;
- 4) É fundamental investir em financiamento ecológico, especialmente em países como Brasil, Indonésia, e República Democrática do Congo;
- 5) O financiamento para a saúde global deve ser mais explorado.

Além disso, Jeffrey Sachs chamou a atenção para a importância de financiar o desenvolvimento sustentável, não se concentrando apenas nas questões climáticas. “Precisamos de financiamento para o desenvolvimento sustentável, não apenas para o clima.”, afirmou ele. De acordo com Sachs, diversos países ainda precisam resolver problemas “básicos”, que não são levados em consideração pelos países desenvolvidos. Questões como moradia, acesso a saúde, alimentação e educação devem estar na agenda do G20.

“Precisamos de financiamento para o desenvolvimento sustentável, não apenas para o clima.”

Jeffrey Sachs

O economista defendeu que o G20 seja, na verdade, o G21, e que a União Africana esteja junto na linha de frente da tomada de decisões para que essas preocupações sejam melhor representadas. Ainda, o líder global, faz uma crítica a falta de preocupação dos países ricos, principalmente dos Estados Unidos, em relação à erradicação da pobreza e ao financiamento para o desenvolvimento. Ele argumenta que os países ricos não querem abordar essas questões e não se importam com as dificuldades enfrentadas por países de baixa renda.

Sendo assim, é extremamente importante que os países do Sul Global que estão na linha de frente das últimas e futuras presidências do G20 como Indonésia, Índia, Brasil e África do Sul, ampliem temáticas voltadas para o desenvolvimento - que não seja somente para a agenda ambiental. Jeffrey cita o exemplo do programa Bolsa Família, que é uma política pública a ser seguida por países subdesenvolvidos.

Ainda de acordo com ele, a falta de progresso e evolução na formulação de políticas globais, principalmente dos Estados Unidos da América, atrapalha os países a chegarem em um consenso.

Assim, Sachs sugere que as decisões devem ser tomadas de modo que os países que quiserem agir possam fazê-lo, enquanto os que não quiserem podem se abster. Além disso, ele destacou que o estabelecimento de novos mecanismos de financiamento, sem alterar os direitos de voto, é essencial para que o G20 seja utilizado de forma construtiva e sem obstáculos.

Para concluir, Jeffrey Sachs trouxe uma provocação acerca do papel dos países do Sul Global enquanto líderes da agenda mundial. “O que mudou? O que mudou é que vocês têm muito mais peso e voz. A realidade não é mais do G7, mas sim de 186 países que fazem parte, de fato, do mundo real (...) Não um mundo de poucos países ricos. Essa é a realidade que precisa ficar absolutamente clara”, finalizou ele.“

6. Conclusão

O Brasil assumiu a liderança do Grupo dos 20 no dia 1º de dezembro de 2023. Segundo o presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, o G20 é o evento mais importante que o Brasil está envolvido. O país terá de preparar e receber uma série de atividades e eventos que vão culminar na Cúpula do G20, que acontecerá no dia 24 de novembro, na Cidade do Rio de Janeiro.

Levando em consideração que o Rio de Janeiro já foi sede de megaeventos, a cidade iniciou sua preparação no meio deste ano e o Seminário Internacional “Thinking G20: a Global Order for Tomorrow” foi apenas um desses eventos prévio à reunião do grupo em 2024.

Assim, representantes do governo federal, subnacional e organizações da sociedade civil que irão compor o Think 20, se reuniram para discutir a importância do G20, bem como o papel do Rio de Janeiro nas discussões globais.

Principais mensagens do debate:

Governança Global:

A necessidade de reforma nas instituições globais foi um dos problemas destacados ao longo do debate, principalmente na manutenção da paz e da segurança internacionais. A Organização das Nações Unidas (ONU), foi um dos organismos mais citados, devido a inação frente alguns conflitos contemporâneos, como por exemplo, a Guerra da Ucrânia.

A falta de instrumentos eficazes para negociar soluções e a erosão do sistema de comércio multilateral também são mencionadas como lacunas institucionais graves. O problema da representação e da eficácia nas instituições financeiras, que envolvem por exemplo a questão das cotas.

A estrutura de governança atual é tida como inadequada para lidar com os desafios globais e, portanto, é necessário um redesenho abrangente da governança nas esferas política, comercial e financeira. O G20 surge então como uma forma alternativa de tomada de decisão, como o G20, para preencher as falhas do sistema de governança global existente.

Tensões do G20:

Apesar do Brasil ter definido, de forma concisa, suas prioridades para a presidência do G20, a então liderança da Índia já contou com alguns desafios e tensões significativas no que diz respeito ao equilíbrio de interesses conflitantes entre grandes potências. Construir um consenso em torno de questões globais pode ser um desafio para a diplomacia brasileira. Isso acontece porque o grupo está atualmente dividido devido à Guerra da Ucrânia, o que pode dificultar a elaboração da Declaração Final do G20.

Além disso, as três grandes crises mundiais recentes – que giram em torno do avanço das mudanças climáticas, a pandemia e conflitos de segurança, são evidências da necessidade urgente de obter instituições internacionais capazes de responder efetivamente a esses desafios.

Sul Global

Em 2022, a Indonésia assumiu a presidência do G20. Neste ano, a Índia está liderando o grupo. Em 2024 e 2015, teremos o Brasil e a África do Sul, respectivamente. Esse cenário destaca a importância de incluir os países em desenvolvimento nas discussões do G20, uma vez que esses podem trazer perspectivas e prioridades exclusivas para a mesa. O G20 oferece uma plataforma de significativa importância para que os países do Sul Global, que, por muitas vezes foi sub-representado na história mundial, possam avançar em questões de desenvolvimento, como por exemplo, o financiamento climático e a redução de desigualdades sociais.

Principais prioridades do governo brasileiro

Meio Ambiente

O Brasil possui uma posição única enquanto um país que conta com uma cobertura vegetal original significativa, o que o torna peça fundamental para lidar com o combate às mudanças climáticas. O G20 pode ser uma plataforma útil para discutir e tomar decisões que tragam soluções para a crise climática antes da conferência COP 30, que será sediada em Belém. A área de energia, nesse sentido, também se torna central para a construção de uma agenda forte contra as mudanças climáticas.

Desigualdade Social

Uma das principais prioridades do Brasil é o combate de todas as formas de desigualdade, incluindo a social, de raça, renda e de gênero. A redução da pobreza será destacada como um importante pilar global. Na visão do Brasil, a questão da fome deve estar no centro da agenda internacional e deveria causar indignação a todos os países ao redor do mundo. Uma das iniciativas que o governo pretende lançar é a proposta da criação de uma aliança global contra a fome. Ademais, o desenvolvimento sustentável também deverá englobar aspectos sociais, econômicos e ambientais.

Fortalecimento do Multilateralismo

O Brasil deve focar em promover a reforma da governança global, a fim de fortalecer o multilateralismo e garantir a implementação efetiva dos compromissos internacionais. O governo brasileiro buscará um maior envolvimento de organizações internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a UNCTAD. Além disso, o Brasil lutará pela democratização dos sistemas financeiros internacionais, com foco especial no sistema de cotas do FMI.

A Cidade do Rio de Janeiro

A fim de se preparar para o G20, a Cidade do Rio de Janeiro criou o Comitê Municipal de Organização do

G20, órgão de coordenação que está diretamente ligado ao Gabinete do Prefeito. O Comitê Rio G20 será responsável por coordenar as atividades municipais e eventos relacionados à presidência do Brasil do G20 – a partir de 1º de dezembro de 2023 – e à reunião de cúpula do grupo econômico, que ocorrerá no Rio.

O Rio de Janeiro é uma cidade que tem um forte compromisso com a agenda ambiental, e, inclusive, um grande legado em sediar conferências mundiais que tratam sobre o tema. Para o Prefeito do Rio, receber diversos eventos do G20 na cidade significa retomar seu protagonismo enquanto líder global. Além disso, Eduardo Paes se comprometeu a avançar nas discussões sobre a reforma do sistema financeiro internacional – que também é um dos temas prioritários para o governo brasileiro.

Ao longo do debate, ficou nítido que o Brasil e a Cidade do Rio de Janeiro possuem uma oportunidade única de criar um legado no principal fórum econômico do mundo. De fato, os efeitos da pandemia do Covid-19, a guerra da Ucrânia, e a crise econômica, acentuaram os altos índices de inflação e dívida externa, além de aumentar a desigualdade social e a insegurança alimentar, principalmente em países do Sul Global.

Esse é o momento em que os entes do governo federal, estadual e municipal necessitam se unir para representar concretamente as expectativas e as necessidades do Brasil na agenda do G20 – uma vez que o país terá uma chance inédita de guiar as discussões relacionadas aos grandes desafios do planeta como mudanças climáticas, segurança internacional, endividamento das nações, transição digital e combate à pobreza.

A ocasião converge com os realinhamentos domésticos que o Brasil tem como prioridade na sua política externa. Sendo assim, a construção de uma agenda global de erradicação da fome, o alinhamento com países do Sul Global e a liderança no combate às mudanças climáticas, são pontos que compõem as demandas do governo brasileiro e devem avançar durante a presidência do país.



Referências Bibliográficas

Rio começa a se preparar para receber cúpula do G20.

Disponível em:

<<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/08/30/rio-comeca-a-se-preparar-para-receber-cupula-do-g20.ghtml>>.

Acesso em: 27 nov. 2023.

PORTO, D. G20 confirma o Brasil como sede do encontro em 2024.

Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/g20-confirma-o-brasil-como-sede-do-encontro-em-2024/>>.

Acesso em: 28 nov. 2023.

Prefeitura cria Comitê de Organização Rio G20.

Disponível em:

<<https://prefeitura.rio/casa-civil/prefeitura-cria-comite-de-organizacao-rio-g20/>>.

Acesso em: 28 nov. 2023.

Rio receberá reunião de Cúpula do T20, grupo de pensamentos de política pública do G20.

Disponível em:

<<https://prefeitura.rio/casa-civil/rio-recebera-reuniao-de-cupula-do-t20-grupo-de-pensamentos-de-politica-publica-do-g20/>>.

Acesso em: 27 nov. 2023.

Sobre o G20.

Disponível em:

<<https://www.g20.org/pt/about-g20/#overview>>.

Acesso em: 27 nov. 2023.

Thinking G20: a Global Order for Tomorrow.

Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=x-jsKPIEpcg>>.

Acesso em: 27 nov. 2023.

Fotos

Capa - Rio de Janeiro

Foto: Pedro Peracio

Página 03 - Palácio da Cidade, Rio de Janeiro

Foto: Pedro Peracio

Página 04 - Prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes

Foto: Mathaus Heringer

Página 06: Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Aloizio Mercadante

Foto: Mathaus Heringer

Página 07: Professor da Columbia School of International Studies e Diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Columbia, Jeffrey Sachs

Foto: Mathaus Heringer

Página 12: Embaixador André Aranha Corrêa do Lago

Foto: Mathaus Heringer

Página 15: Professor da Columbia School of International Studies e Diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Columbia, Jeffrey Sachs

Foto: Mathaus Heringer

Página 19 - Rio de Janeiro

Foto: GenAllimage